

Dívida será renegociada em outubro

24 SET 1985

24 SET 1985

O Brasil renegociará sua dívida externa com os credores internacionais logo após a reunião dos governadores do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI), em Seul (Coréia do Sul), que será realizado no início de outubro, informou ontem, o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, durante visita à Cacex.

Funaro, que viajará no final da semana para a Coréia do Sul, onde participará da reunião do FMI, adiantou que lá serão retomadas as conversações preliminares sobre a questão, iniciadas com sua ida a Washington e que poderão resultar num acordo com os bancos e o FMI. Segundo o Ministro, é intenção do Brasil fazer acordos de longo prazo com os bancos credores, buscando assim uma saída sócio-política para sua dívida externa.

Ao comentar a decisão do Governo Reagan de desvalorizar o dólar, o Ministro da Fazenda destacou que ela beneficiará o Brasil, que poderá aumentar suas exportações e garantir com isto bons superávits comerciais. No seu entender, a desvalorização do dólar terá de ser acompanhada de uma queda das taxas de juros nos EUA, sem o que a moeda norte-americana voltará a se valorizar. "Isso", observou Funaro, "facilitará muito a renegociação da dívida externa brasileira e abrirá caminho para um novo relacionamento entre os países do mundo livre".

Ao comentar o discurso do Presidente José Sarney, na ONU, destacou sua importância na defesa dos interesses dos países em desenvolvimento e sua contribuição para uma reformulação da política financeira internacional, já que foi pronunciado às vésperas da reunião do FMI. Em Seul o Brasil propôs um novo enfoque nas relações entre credores e devedo-

res, disse o Ministro da Fazenda. "A comunidade internacional tem que minimizar as crises futuras e não maximizar cada vez mais os problemas dos países devedores", declarou.

Em São Paulo, Funaro garantiu que a política cambial não será mudada com a desvalorização do dólar no mercado mundial, continuando as minidesvalorizações diárias. A decisão americana, observou, permitirá aumentar a competitividade dos produtos brasileiros nos mercados da Europa e do Japão, porque a moeda nacional está amarrada ao dólar e não a uma cesta de moedas. Avaliou também que o Brasil poderá aumentar suas exportações de manufaturados para os EUA, porque a tendência será de redução do protecionismo local.

O Ministro do Planejamento, João Sayad, também afirmou que não haverá alterações na política cambial do país. Ele acredita que poderá haver um superávit maior na balança comercial se o Brasil conseguir aumentar suas vendas externas para a Europa e Japão. O Secretário Geral do Ministério de Ciência e Tecnologia, Luciano Coutinho, disse que a melhor forma de desvalorizar o dólar é gradual, porque do "ritmo que estava o próprio mercado provocaria uma queda abrupta do dólar e causaria um choque traumático na comunidade financeira".

O presidente do Conselho de Administração e o Vice-presidente do Bradesco, Antonio Carlos de Almeida Braga e Lázaro de Mello Brandão, respectivamente, consideraram a desvalorização do dólar como "extremamente positiva", citando como benefícios para o Brasil o aumento das exportações e a não necessidade de modificações na política cambial.

Durante o almoço em homenagem ao novo diretor da Cacex, Roberto Fendt, que reuniu 500 pessoas no Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio, empresários exportadores consideraram a decisão americana como boa para as vendas externas brasileiras. Para o próprio Fendt, a desvalorização do dólar vai facilitar muito o comércio para os países devedores. Ele previu ainda um impacto positivo sobre as exportações de produtos primários, cotados em dólar e a queda da taxa de juros americana. O diretor da Cacex não estimou, porém, as repercussões da medida sobre a balança comercial brasileira.

Para Ruy Barreto, superintendente da Fundação Centro de Comércio Exterior (Funcex), o Governo deve aproveitar o momento para iniciar uma "ofensiva exportadora" e dobrar a participação do Brasil no mercado mundial de 1% para 2%. O empresário não acredita em prejuízos para os produtos nacionais no mercado norte-americano, onde há grande aceitação de mercadorias brasileiras como os tecidos, os calçados e o aço.

O presidente da Associação Brasileira das Empresas Comerciais Exportadoras (Abece), Eduardo Paula Ribeiro, acha que não será fácil desvalorizar o dólar. "A moeda americana é uma mercadoria que flutua livremente. A curto prazo pode haver uma folguinha pelo lado do impacto psicológico da decisão dos EUA, mas a médio prazo, pelo lado prático, não há como fazer o dólar cair", comentou. O futuro presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil, Norberto Ingo Azdrozny, que toma posse quinta-feira, substituindo no cargo Laerte Setúbal Filho, aplaudiu a medida.